



SOBRE FALAR MERDA, Harry G. Frankfurt

Sem meias palavras, filósofo americano desvenda a essência do discurso político

Um livro que poderia ter sido feito sob medida para esta época de duelos públicos entre notórios mentirosos e exibicionistas falastrões, transmitidos ao vivo do Congresso Nacional. Nos Estados Unidos, onde foi escrito pelo mais celebrado filósofo da Universidade de Princeton, Harry G. Frankfurt, *Sobre falar Merda* foi recebido como a mais perfeita tradução desta era de supremacia do marketing sobre a verdade e, num caso bem específico, da justificativa de uma guerra pela crença, nunca confirmada pelos fatos, de que um país escondia armas de destruição em massa.

Sobre falar merda (título original em inglês *On Bullshit*), que está sendo lançado no Brasil pela Intrínseca, causa impacto até pelo nome, antes de chamar atenção pelo conteúdo. Segundo a crítica americana, que assistiu à sua ascensão ao topo da lista dos mais vendidos – o primeiro livro editado por uma universidade a ocupar este posto no ranking do *The New York Times* –, embora tenha apenas 70 páginas, é minucioso como um tratado; aborda um tema genérico da linguagem, mas é focado como uma tese; e trata de assunto filosófico, mas é divertido e de fácil compreensão.

Já nas primeiras frases, Harry Frankfurt diz a que veio: “Um dos traços mais notáveis de nossa cultura é que se fale tanta merda. Todos sabem disso. Cada um de nós contribui com sua parte.” Quando escreveu o livro, Frankfurt pretendia conceituar, com erudição e ironia, um certo tipo de impostura que pode ser encontrada no meio acadêmico. Não imaginava que, anos depois, seu trabalho ganharia dimensão popular, por ser aplicável a toda a sociedade.

Ao longo do estudo, o filósofo estabelece a diferença entre “falar merda” e mentira. São atitudes diferentes. O mentiroso esconde os fatos que, no entanto, conhece. Inventava deliberadamente a sua história, mas respeita a verdade, mesmo fugindo dela. O “falador de merda” não está nem aí para os fatos e para a verdade. Não mente, não tenta induzir o seu interlocutor a aceitar a sua versão como verdadeira. O que ele quer é construir uma impressão sobre si mesmo. Os fatos, verdadeiros ou não, importam menos do que a vontade de chamar atenção sobre os seus sentimentos. Justamente por este desrespeito pela verdade é que o “falador de merda” é mais perigoso e insidioso que aquele que mente.

Frankfurt explora um exemplo americano que, no entanto, qualquer leitor brasileiro pode identificar por aqui, em situações equivalentes. Em discurso sobre o 4 de julho, data da independência americana, um político afirma, bombasticamente, de cima de um palanque:

— Somos um grande e abençoado país, cujos fundadores, sob orientação divina, criaram um novo começo para a humanidade!

O orador não está mentindo, porque não tem a intenção de impor à platéia crenças que considera falsas. Mas também não se importa com o que a platéia pense sobre o papel da divindade na história dos Estados Unidos. “A opinião dos outros sobre ele é o que o preocupa. Ele quer ser considerado um patriota, alguém que aprecia a importância da religião, que é sensível à grandeza de nossa história, cujo orgulho dessa história combina com a humildade perante Deus”.

Fica bastante claro, no exemplo – um dos muitos apontados no livro – o motivo pelo qual o autor conclui, mais adiante:

“A área da propaganda e das relações públicas e, hoje em dia, a intimamente ligada área da política estão repletas de exemplos tão consumados de falar merda que podem servir como os paradigmas mais inquestionáveis e clássicos do conceito”.

E por que os políticos se tornaram “faladores de merda” profissionais? Harry Frankfurt tem uma teoria: “É inevitável falar merda toda vez que as circunstâncias exijam de alguém falar sem saber o que está dizendo. (...) Essa discrepância é comum na vida pública, em que os indivíduos são com frequência compelidos a falar sobre questões em que são até certo ponto ignorantes”.

Mas isto vale para qualquer um de nós, acrescenta o filósofo. Políticos ou não, publicitários ou não, todos nós tentamos exibir ao nosso interlocutor os nossos sentimentos sobre as coisas, tenhamos ou não conhecimento real dos fatos. Estamos habituados a nos perdoar a nós mesmos com a alegação de que podemos até falar merda, mas pelo menos estamos sendo sinceros.

É como se cada um de nós percebesse que, “uma vez que não faz sentido tentar ser fiel aos fatos, deve, em vez disso, esforçar-se para ser fiel a si mesmo”. E Frankfurt conclui: “Já que o caso é este, sinceridade nada mais é do que falar merda”.

Segundo o autor, quem não tem condições de identificar o verdadeiro do falso, por ignorância a respeito do assunto que está sendo tratado, tem duas opções: “Abster-se de proferir qualquer afirmação sobre os fatos ou continuar fazendo afirmações que pretendessem descrever o modo como as coisas são, mas isso não seria outra coisa senão falar merda”.

Certamente é por isto que, perguntado por um repórter sobre as razões do sucesso do seu livro, que já está na décima edição nos Estados Unidos, Harry Frankfurt afirmou simplesmente:

— Não sei.

"[Frankfurt] tenta, com a ajuda de Wittgenstein, Pound, Santo Agostinho e o autor de romances de espionagem Eric Ambler, entre outros, fazer as perguntas básicas para definir a natureza de uma coisa reconhecida por todos, mas compreendida por ninguém (...) Afinal de contas, o que é falar merda? Frankfurt mostra que não é isso nem aquilo. Os adeptos dessa prática não são certamente honestos, mas também não são mentirosos, já que o mentiroso e o homem honesto encontram-se ligados pela preocupação comum – senão idêntica – com a verdade."

Peter Edidin, *The New York Times*

"De início tenho a dizer: leiam. Belamente escrito, lúcido, irônico e profundo, é um modelo do que a filosofia pode e deveria ser. É uma pequena e muito provocativa obra-prima, e eu não acho que esteja aqui falando merda para vocês."

Bryan Appleyard, *The Sunday Times*

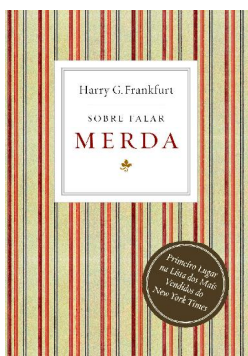
"O acadêmico que pergunta 'O que é falar merda?' faz uma aposta ousada ao tentar explicar o espírito dos tempos de hoje (...) A conclusão de Frankfurt (...) é que se define melhor o significado de falar merda mais pelo processo que pelo produto final. Eureka! A definição de Frankfurt é uma dessas descobertas nem um pouco óbvias que se tornam ofuscantemente óbvias no momento em que são enunciadas."

Timothy Noah, *Slate*

"É disso que o mundo vem precisando há muito (...) Falar merda virou agora uma característica tão predominante na nossa cultura que a maioria de nós tem certeza de que pode reconhecê-la e repeli-la. Mas Frankfurt mostra ao leitor o quão insidiosa (e destrutiva) ela pode ser (...) Este livro vai mudar a sua vida."

Leopold Froelich, *Playboy*

SOBRE FALAR MERDA, de Harry G. Frankfurt



Tradução: Ricardo Gomes Quintana
Capa e projeto gráfico: Victor Burton
70 páginas
R\$ 19,90

Outras informações:

Editora Intrínseca

Juliana Cirne – julianacirne@intrinseca.com.br

+ 55 21 3874-0914, R: 203